

«O homem,
ainda quando
dá, promove
os próprios in-
teresses».

S. FERREIRA

ANO V — N.º 127

AGOSTO

4

1 9 5 7

AVENÇA

A Voz de Loulé



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

Dr. José Bernardo Lopes

A um ano da sua morte

Passou um ano sobre a morte do Dr. José Bernardo Lopes, que foi destacada figura na medicina e na política do Algarve.

Esta segunda faceta, se cria, normalmente, a animadversão dos adversários políticos, porque era filha do prestígio do médico e, sobre tudo, da forma como sempre exerceu a medicina, profissão feita sacerdotio, não o afastou de ninguém de ideias contrárias e daí como que se desfez diante da grandeza de médico.

No dia 30, por iniciativa do Município, uma romagem de louletanos foi, até ao túmulo do Dr. José Bernardo Lopes, fazer pública manifestação da sua saudade e da sua gratidão.

Aí, o sr. vice-presidente da Câmara pronunciou breves palavras evocativas da acção benemérita do grande médico e lembrou a dívida que, em aberto, a população do concelho tem para com a sua memória.

Faz precisamente um ano que, neste jornal, se lançou a iniciativa de se erigir, em Loulé, um monumento que consagrasse a gratidão dos seus doentes, o carinho dos seus amigos, o respeito dos seus concidadãos e o seu exemplo para os vindouros; que perpetuasse, para o futuro, a lembrança de quem, tão altamente serviu a profissão, cujos exercícios constituiu o mais destacado e fundamental dos serviços sociais.

Recebida com alvoroço, com simpatia e caloroso apoio, a ideia do monumento, que desejaríamos ver corporizada em 12 meses, ainda não logrou ultrapassar a fase da recolha de fundos e com alguma tristeza dizemos que estes não atingem os 30.000\$00.

Não queremos que isso indique ingratidão dos doentes, abandono pelos amigos ou esquecimento dos louletanos. Seria injúria à nossa gente pensar que as palavras de amizade, de agradecimento e de louvor de que era objecto quando vivo, se pronunciaram para facilitar

Adolescentes

É a adolescência um período delicado da vida do indivíduo, sobretudo da mulher, sobre quem pesam séculos de submissão e obediência e toda a espécie de preconceitos que limitam o natural desabrochar da sua personalidade.

A inquietação experimental nessa idade (alegrias desordenadas, inéditas tristezas, sem causa definida) são consequência da sua transformação fisiológica, da elaboração operada pela natureza.

Este período demanda uma grande e constante atenção maternal, uma compreensão justa, efectiva e discreta, sobretudo discreta.

A mãe deve inspirar confiança, ser camarada, ser como que um refúgio.

É preciso conversar com os filhos, manter com eles um estreito contacto. Saber, saber, para poder aconselhar, guiar, livrar dos perigos que espreitam os adolescentes.

(Continuação na 3.ª página)

Trânsito e Estacionamento

Há mais de 4 anos se ouviu dizer que a Câmara estudava o regulamento do trânsito pelas ruas da vila. Cada vez se impõe mais que isso se faça.

Não dizemos que se estebeça em muitas ruas o sentido único, que só viria complicar as deslocações de quem utiliza transportes que não sejam os universais *pedibus calcantibus*. Por isso bastará limitar-se às ruas aonde não caibam 2 veículos a par, mas é bem que se discipline o trânsito e principalmente o estacionamento.

Há ruas em que a permanente utilização de «garage estrela» impede até o livre acesso às portas, não sendo difícil ver-se uma pessoa obrigada a fazer ginástica sobre os parachoques dos automóveis e entre bicicletas, para entrar em sua casa.

Chamamos a atenção do município para a conveniência em regulamentar o trânsito e o estacionamento dentro da vila.

Gralhas

Aos nossos leitores e colaboradores pedimos desculpa das inúmeras gralhas que, em bando, ultimamente têm vindo debicar no texto do nosso jornal.

Porque alteram profundamente o sentido do que foi escrito e em alguns lugares o texto ficou ininteligível, indicamos as seguintes:

No artigo «Dois mortos», um «abrisse» em lugar de «abeirasse», traiu a ideia do autor e no fundo, além de um em que ficou na caixa, o ante penúltimo e o último período saíram ininteligíveis.

Repetimo-los, para que o leitor os compreenda.

«Esperemos que o novo organismo satisfaça, o que será mais uma razão para que o problema dos figos de caldeira saia, definitivamente do exclusivismo a que tem estado sujeito até agora e para que, no seu estudo seja também dada audiência à lavoureira figueira».

Enquanto se não encontrar a solução definitiva para o problema dos figos de caldeira, urge se tomem medidas de emergência para a colheita já à porta, tanto mais que nos consta ter o comércio decidido não comprar figo miúdo para se não sujeitar, etc...

Arranha - céus em Lourenço Marques

Mais de 200 milhões de escudos vão ser empregados em quinze edifícios estilo «Arranha-Céus», a construir no centro desta cidade.

A actividade no sector da construção civil volta a animar-se em Lourenço Marques.

C. T. T.

No louvável intuito de proporcionar às populações rurais maiores facilidades na troca de correspondência (e que é também sintoma de progresso), os C. T. T. acabam de criar no nosso conselho mais os seguintes postos de correios: Charneca de Monte Seco (Parragil); Carvalhal (S. Sebastião) e Picota (Parragil).

Os nossos parabéns às populações que passaram a disfrutar esta regalia.

-5 AGO, 1957

Loulé e a sua Praia de QUARTEIRA

O Presidente da Junta de Turismo da Praia de Quarteira, Sr. Dr. António de Sousa Pontes, fala á «A Voz de Loulé» sobre os problemas desta progressiva praia algarvia.

(Ilma entrevista do jornalista Luis Sebastião Peres)

Quarteira, como estância balnear, ocupa já hoje lugar de relevo entre as praias algarvias; impondo-se pela amenidade do seu clima e pelo seu panorama que oferece: praia-campo,—o que leva ali todos os anos muitas centenas de banhistas que ali se fixam durante a época calmosa.

Praia familiar onde não existe o sistema protocolar dos chás... e das reuniões chics, com bailes obrigatórios... praia para repouso. Aqui reside o seu valor como centro turístico.

Mais uma época balnear vai ter começo, com a chegada dos seus «dedicados e aficionados».

Porque muito admiramos a beleza e os bons ares desta praia, sentimos por ela uma particular afeição. O natural desejo de sabermos das suas aspirações e o que se projecta realizar para que Quarteira continue progredindo, levou-nos a solicitar do ilustre Presidente da Junta de Turismo, sr. Dr. António de Sousa Pontes, uma entrevista para «A Voz de Loulé» por sabermos que os pro-

blemas de Quarteira tem um interesse muito especial para os louletanos.

Pelo que amavelmente nos revelou e pelo entusiasmo com que fala dos problemas da sua terra natal é fácil depreender que Quarteira vai encetar uma nova face da sua existência, mercê da força de vontade e dinamismo do actual Presidente da Junta de Tu-

risimo. Oxalá os seus conterrâneos o ajudem e se esforcem também por contribuir para o progresso da sua e nossa praia.

Sr. Dr. quais são os principais problemas que se apresentam à Junta de Turismo da Praia de Quarteira para que tão boa estância de veraneio, possa dentro destes próximos anos, marcar ainda melhor entre as praias algarvias?

Pretende-se desde já desfazer alguma má impressão que o veraneante tenha de qualquer falta de higiene. Para o efeito, e de colaboração com a Junta de Freguesia, foi intensificado o serviço de limpeza das ruas, de recolha de lixos, e outros meios para que o veraneante, habituado à brancura das habitações algarvias, tenha a certeza que o seu bom aspecto exterior corresponde à higiene interior.

Depois, pretende-se que a iluminação eléctrica, uma vez ligada à rede de alta tensão da Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, nos beneficie, quer durante toda a noite, quer durante o dia. Estão em curso negociações para conseguir tal benefício, no mais curto prazo de tempo possível — lamentando nós que não o possa ser já na presente época balnear, em que consumamos a ter energia apenas em parte da noite.

Em seguida, de acordo com o Plano de Urbanização, pretende-se chamar a atenção dos interessados na construção de moradias e de edifícios para pequenos hotéis e restaurantes simples, mas higiénicos e dispostos daquele conforto que é indispensável que possuam, para prender o veraneante.

— E a quem compete orientar a execução do Plano de Urbanização da Praia?

Naturalmente, à Câmara Municipal de Loulé, que há-de promover a abertura de ruas e o seu calcetamento, para que nelas

(Continuação na 8.ª página)

(Continuação na 3.ª página)

CRÓNICA DA PRAIA

A malher seculo vinte e meio...

Voltei à praia mais uma vez, a segunda vez — a última vez nesta temporada balnear.

Os semi-nús de Praxiteles, de Escopas, as «Lady Godivas», os corpos de Ticiano, com motivos de arte de Belon e curvas airoas de Manassé e os bronzes nús de Bozz horrorizam-me!

Podem chamar-se «bota de elástico», «romântico», século XIX «Camilo» tudo o que quizerem, mas a verdade é que a «mulher Século Vinte e Meio» horroriza-me.

Conto por anos de idade quase todo o «século das luzes», e conheço as mulheres de praia, desde a minha mãe, carregada de baetas xadrezadas e franjadas, do seu fato de banho, numa tortura da forma, até aos «maillots» modernistas da mulher de hoje, poesia «au vol d'oiseau», numa autêntica radiografia de membros, de caras e de contornos, que os esposos Curries e Velasquez são colaboradores íntimos.

Corro a praia, algures, de Barlavento a Sotavento, e vejo em todas as esculturas vivas que se acham expostas no setinso das areias a mesma raça Mediterrânea convertida em negroide e por vezes em mongólica, a poder de «chinezices», «Butterflys» e quejandos.

Ao primeiro contacto com a exposição, o olhar delicia-se, metrificando rigorosamente as rimas e a harmonia dos corpos, como um soneto tratado por Petrarca, Florbela ou Antero. Depois, a multiplicidade de tons, de bronzes e de «tambucktus» cai em monotonia, como um pintor que se decalca nos ambientes, nas luminosidades e em tudo mais, e esses contra-luz encarnoados, quase gentílicos, são um corpo apenas, um amálgama de monotonia, requemado pelo auto de fé do incêndio magistral de um dia inteiro; iodado pela necessidade de medicação contra a enfermidade-epidemia, para cuja «lepra» os bacteriologistas ainda não encontraram o «Panteur» salvador...

O olhar cansa-se desse «Livro Único» para todas as classes. Já

(Continuação na 3.ª página)

Movimento demográfico

Durante o 1.º trimestre do corrente ano registou-se no Algarve o seguinte movimento demográfico: 880 casamentos; 1.409 nascimentos e 946 óbitos.

«Loulé... em retrato»

A nespereira do meu quintal! Sabem que eu tenho uma nespereira ou se não sabiam ficam sabendo. No verão regava-a todos os dias para a defender da canícula abrasadora e quase todos os dias vigiava o seu desenvolvimento.

Criei-a como coisa minha! Criei-a com toda a estimação! Quer fazer dela uma nespereira padrão, uma nespereira chefe, que fosse melhor e mais forte que as outras! E que desvelos eu tinha por ela!

Mas de há uns tempos para cá, a minha nespereira adoeceu!

Já não tem o viço de outros tempos! Parece que anda enfeada e quando todas as outras desabrocham em rebentamentos, a minha nespereira apenas tem um ou dois lançamentos e mesmo esses muito débeis, muito enfeados, valha-me Deus!

A que será devido isto? Se as nespereiras falassem, elas contar-me-iam. Mas as nespereiras não falam. Dá-me pena vê-la assim e até mesmo eu, por isso, já lhe não ligo muito.

Terá de ser uma nespereira enfeada, uma pobre nespereira como tantas outras.

Que pena que eu tenho da minha nespereira!

Do bom amigo José Barão recebi uma carta em que me pede para falar de Loulé, pois diz ele que não está certo que Loulé, que era a terra exemplo, a terra padrão do bairrismo, esteja tão caída e morta e já não dê mostras de reagir.

Faremos o possível José Barão por falar de Loulé, que o seu jornal do Algarve bem o merece.

E justo ajudar os que trabalham, os que se interessam pelo engrandecimento da Província, da sua terra!

E você tem razão ainda outra coisa que diz. Mas não se pode dizer isso aqui... senão... leva-se catanada!

Há dias ouvi uma conversa que me agradou. Um rapaz do campo sentado num banco da Avenida com uma rapariga que devia ser criada de servir.

O facto de quase todos os bancos estarem ocupados levou-me a quebrar aquele enlévo e a compartilhar do banco. Mas, felizmente que o par estava tão entretido, tão compenetrado na oportunidade e da hora que passava, que não interrompeu a conversa e continuou o idílio.

Fiquei surpreendido com o nível da conversa pois julgava que num namoro daqueles o mais que se ouvia seria um «gosto de ti Maria», «gosto de ti Manel».

E sabem o que ouvi? Nada mais, nada menos que o seguinte:

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro - Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que MANUEL GUERREIRO LOPES requereu licença para instalar um forno de cozer pão à maquia, em regime de trabalho caseiro e familiar autónomo, incluído na 3.ª classe, com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio, situado na Rua Patrão Lopes — Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando ao norte com a referida Rua Patrão Lopes, ao sul com Manuel Martins Rei, ao nascente com José Caetano Júnior e ao ponente com António Eusébio Valentim.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 27 de Julho de 1957
Pel'O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

Arnaldo Guerreiro

EXCURSÃO a Espanha França e Itália

De 26 de Agosto a 23 de Setembro de 1957

Visitando: Sevilha, Valência, Barcelona, Nice e toda a encantadora Riviera francesa, Mônaco, Riviera Italiana, Génova, Pisa, Roma, Nápoles, Pompeia, Florença, Pádua, Veneza, Milão, Lourdes, Biarritz, S. Sebastian, Burgos e Madrid.

Em moderníssimos Auto-carros

ORGANIZAÇÃO DA

Agência Peninsular de Viagens e Turismo

Direcção de M. Arcanjo Viegas

Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216 — FARO

Logo que possa arranjar dois mil escudos, verás a satisfação com que te venho buscar, amorzinho!

Será o dia mais feliz da minha vida, aquele em que possa dizer: o meu marido!

Se tu soubesses como sonho, contigo! E que sonhos tão lindos! Até tenho vergonha de te dizer o que sinto e o que sonho!

E eu que estou sempre a ser censurado pelos camaradas, porque estou pensativo! Pensativo, sempre a ver-te junto de mim, na nossa futura casa! Quando será esse dia!

Entre há dias no Hospital de Loulé e com franqueza, fiquei impressionado com o sentido de organização e ambiente de disciplina que ali se verifica.

Franca e quando se reconhece as coisas estão bem feitas e que há ordem, método e orientação, só há que louvar.

Muitas pessoas se admirarão destas palavras na minha boca, mas eu sempre tive muito gosto em prestar justiça a quem a merece. E vê-se que à frente daqueles serviços está quem percebe da matéria, quem tem gosto e sentido de devoção profissional.

Reporter X

A NOSSA ESTANTE

OS NOSSOS FILHOS

Com a bela apresentação e interessante «recheio» que lhe são peculiares e a tornam desejada e imprescindível não só para os pais como também para quantos se interessam pelos problemas das crianças, saiu mais um número desta apreciada revista, da qual tivemos o prazer de receber um exemplar que muito agradecemos.

PROFESSORA

Diplomada pelo ensino primário particular e com longa prática, lecciona as 1.ªs letras e todas as classes do ensino primário.

Avenida José da Costa Mealha-109.

Deseja ficar bem servido nas vossas pinturas?

Utilize DYRUP

Tintas para todos os fins desde 18\$00 cada quilo

Representante exclusivo em LOULÉ

CASA IGNEZ

Av. José da Costa Mealha, 31 a 35

Vinho de Lagoa

Da Adega Cooperativa

Ginginha e Eduardino das Portas de St.º Antão

As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

CONVERSA FIADA...

Original de um COELHO

CRIADA A SÉCULO XX

— Dá licença, minha senhora!

— Entre, faça favor.

— Com sua licença.

— Então esta...

— Esta mesma é que é a J'aquina p'ra servir, minha senhora.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.

— Isso não tem importância.

Nos primeiros dias são todas assim. Depois é que são elas quando começam a conhecer a casa...

E vamos lá saber, quanto é que ela quer ganhar?!

— Olhe, minha senhora, isso é lá com ela. A senhora o que tiver que combinar, combine cá.

— E ela já serviu alguma casa ou é a primeira vez que serve.

— Até agora só serviu dezanove casa, minha senhora. Ela é um pouco envergonhada, sabe.

— Enquanto não estiver habituada aos costumes da casa, vai com certeza estranhar muito.



Cantinho D A S Leitoras

PUDIM DE CHOCOLATE

6 gemas batidas com 200 gramas de açúcar. Junta-se meia colher de manteiga e uma de maizena. Estas colheres, são das de sopa. Em chavena e meia de leite dissolve-se 2 paus de chocolate. Mistura-se meia chavena de vinho branco. Deixa-se ferver juntando aos outros ingredientes. Mistura-se muito bem e deita-se numa forma untada de manteiga. Depois de pronto, desmolda-se e serve-se frio.

Fica bem com qualquer compota de fruta para acompanhar o pudim.

PEIXE À VALENCIANA

Arranja-se o peixe e frita-se. Depois de frito põe-se num prato que possa ir ao forno.

Numa caçarola prepara-se um molho da seguinte maneira.

Põe-se na caçarola, cebola cortada às rodellas, tomate, um pouco de toucinho, pimentos cortados às tiras, uma folha de louro, manteiga, pimenta, sal e alho.

Leva-se a caçarola ao lume brando até estar tudo refogado. Passa-se tudo pelo passador, cobre-se o peixe frito com este molho e leva-se ao forno não muito quente.

Serve-se ainda quente.

BELINHAS

Quatro ovos, duzentas gramas de açúcar, 120 gramas de manteiga, 650 gramas de farinha, 2 decilitros de leite e 10 gramas de fermento de padeiro.

Desfaz-se o fermento no leite morno. Junta-se a manteiga derretida e o açúcar. Juntam-se, pouco a pouco, os ovos e a farinha, mexendo sempre com uma colher de pau. Deixa-se fermentar durante 4 horas abafado com um pano de lã. Passado este tempo formam-se com a massa, pequenas bolas que se rolam nas palmas das mãos e colocam-se num tabuleiro polvilhado com farinha. Na parte mais alta de cada bolinha, enterra-se um bocadinho de casca de laranja cristalizada ou uma uva passa, a metade de uma amêndoa ou uma cereja cristalizada. Pintam-se depois por cima com ovo batido.

Graça Maria

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos,

Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

LOULÉ

Não faça os seus segu-

ros sem consultar

Castro Correia J. or

LOULÉ

As melhores condições, nas

melhores companhias

PRÉDIO

Vende-se um prédio situa-

do na Senhora Santana, des-

ta localidade. Tratar com o

Banco do Algarve — Faro.

COFRE

Vende-se, modelo an-

tigo mas em estado novo.

Nesta redacção se in-

forma.

LAGAR DE AZEITE

Vende-se ou arrenda-

-se um lagar manual de

azeite, sito em Reguengo

(Alte).

Dirigir propostas a

Francisco Luiz Calço—

Loulé.

Prédios Alugam-se

Um 2.º andar, apoz obras

de completa remodelação, no

Largo Gago Coutinho, n.º 2.

— Armazem muito espaço,

so, no n.º 4 do Largo Gago

Coutinho, contornando para a

Av. José da Costa Mealha.

Tratar com o proprietário

António Francisco Conreiras.

LOULÉ' E A SUA PRAIA DE QUARTEIRA

(Continuação da 1.ª página)

se proceda à construção de edifícios.

Adolescentes

(Continuação da 1.ª página)

É nesta idade que se gera a tendência de fugir à autoridade dos pais, de viver a sua vida.

Esta ansia de liberdade, de independência, é peculiar no indivíduo em plena formação e pressões a atingir a idade adulta.

Se um namorico surge neste momento, a mãe deve abordar o assunto abertamente, mostrar que tem confiança na filha, mas indicar os perigos e os desenganos que a podem esperar e pô-la em guarda, para se não espor a eles.

Não deve abrir-lhe a correspondência, por forma alguma. Este acto é dos mais vexatórios para um adolescente. Quer seja correspondência com amigas, quer sejam cartas do namorado, há sempre maneira de controlar, sem o vexame da intervenção directa.

Se existir um clima de confiança total será ela a primeira a falar na carta, a dá-la a ler ou a lê-la ela própria. Talvez passe em claro algum parágrafo. Respeite-se-lhe o pudor. Há sentimentos que não gostamos de dizer, de ouvir em voz alta.

Se ela nada disser, paciência! Pode-se perguntar com ar indiferente, se o autor ou autora da carta está bom de saúde. Insistir? Para quê? Se a confiança não é espontânea, só obtemos constrangimento e nada mais.

A mãe deve ter sempre presente esse período da sua vida. Se teve a sorte de ser compreendida e a sua personalidade se pôde expandir, sem as limitações habituais, será com alegria que proporcionará aos filhos as possibilidades de passarem «essa idade ingrata, sem cavar aquele fosso tanto de reacar entre duas gerações».

Se a mãe guardar dessa época uma triste lembrança, que ela lhe sirva de lição, para não afastar de si os filhos e não ter o desgosto de, por eles, ser julgada severamente.

Nada contribui mais para as relações afectuosas entre pais e filhos que a confiança e a compreensão mútuas.

É a mãe que compete criar esse ambiente.

Amália Torres

(De «Os Nossos Filhos»)

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que JOSE MIGUEL PINTO, Lda requereu licença para instalar duas câmaras de branqueamento de palma pelo anidrido sulfuroso, incluídas na 2.ª classe, com os inconvenientes de emanações nocivas, situadas na Rua da Nossa Senhora da Piedade, n.º 37 e 39 e Rua Camões, n.º 11, freguesia de São Sebastião, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 27 de Julho de 1957

Pe'l'O Engenheiro-Chefe da Circunscrição,

Arnaldo Guerreiro

Crónica da Praia

(Continuação da 1.ª página)

não olhas as rimas, a tonalidade e o ritmo dos seus poemas. O «sáfico» e o «heroico» saturam no «tam-tam» da quarta, oitava e décima ou da sexta e décima sílabas. Deixou de haver rigor no verso. A poesia clássica caiu nos domínios da metrificacão modernista — Junqueiro tornou-se Fernando Pessoa... E os olhos consados da noite sem estrelas, do ébano dum Jazz, viram-se para a Crystal, de Franz Lear, para um novo dia — para a alba plena do leite-rosa dessas Donas dos seus corpos, que escondem o físico até aos joelhos como as nossas avoengas os escondiam até aos tornozelos. Com a subida da vida, tudo subiu e tende a subir... Com a velocidade, tudo se encurtou e tende a encurtar... E neles, nesses corpos encaderados de tons melancólicos, de verdes, castanhos e cinzentos frios, que os olhos procuram uma réstea de luar, como fruto proibido...

A partir desse momento, as mulheres modernas são poetas banais, mui reclamados, mas pouco lidos, enquanto que as outras são livros raros que o coleccionador procura, insistentemente, pelas livrarias, pelos alfarrabistas, pelos leilões de bibliotecas como exemplares raros de uma 1.ª edição de há muito esgotada. Hoje são raros os coleccionadores, como são raros os exlibris...

Da estante das praias, como das estantes das bibliotecas, eu só leio os clássicos, os que ensinaram a ler os outros por linhas directas e a escrever de qualquer maneira. Por isso, eu corro a maratona da praia para achar um livro que me sirva, que eu nunca li — que me interesse, em suma.

Na «Feira do Livro» de uma praia há autores que continuam em 1.ª edição inexgotável — eternamente, enquanto outros: Cervantes, Camões, Dante e Homero, contam as suas edições pelas estrelas do firmamento.

A mulher de hoje perdeu o encanto, cegou o encanto, insensibilizou o homem que passa por ela como por um poema de há muito decorado, sem a olhar, sem a ler — sem a metrificar. A concorrência gerou o «superávil» e a crise consequente. Para o homem, a mulher de hoje é uma fábrica que vítima do excesso de produção, cerrou as suas portas, e não dá trabalho... a que a olhem. Tem um, dois, três clientes abelardos de si piedosos da sua falência, mas não têm os mercados universais.

Por isso me horroriso ao vê-las gerarem em torno de si a insensibilidade, o insucesso e o desinteresse pela literatura dos seus corpos.

Eu que não abdicó da minha sensibilidade, do meu Eu absoluto, fujo delas, não as quero ver, não quero anestesiar o que de mais sagrado guardo de mim para mim — o culto da mulher.

Que podem entender os olhos depois de cegos?

Daí o meu horror à mulher da praia, à Mulher do Século Vinte e Meio, uma beleza arida ao sol e sem apólice contra as contingências de ficar para tia...

António Augusto Santos

VENDE-SE

Uma morada de casas com 2 compartimentos, na Rua da Laranjeira.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário Arnaldo Mendes Coelho (Armandinho) — Loulé.



O óleo deixa dourados e bonitos
Todos os seus fritos!

Óleo DE AMENDOIM

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que MANUEL ROMBENHA GONÇALVES requereu licença para instalar uma oficina de serralharia civil com soldadura oxiacetilénica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de explosão e de incêndio, situada na Estrada Nacional n.º 125, freguesia de Almancil, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando por todos os lados com Cristóvão de Sousa Pires.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 27 de Julho de 1957

Pe'l'O Engenheiro-Chefe da Circunscrição,

Arnaldo Guerreiro

VENDE-SE

Mobiliária de casa de jantar e máquina de costura. Nesta redacção se informa.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que JOSE LOURO COSTA requereu licença para instalar uma oficina de serralharia civil com soldadura oxiacetilénica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de incêndio e de explosão, situada nas Várzeas de Querença, freguesia de Querença, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando ao norte com o caminho da Veiga para o Pomal, ao sul com António Martins Mendes, ao nascente com o mesmo e ao poente com o Caminho das Várzeas para os Corcitos.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 27 de Julho de 1957

Pe'l'O Engenheiro-Chefe da Circunscrição,

Arnaldo Guerreiro

LEIA!
ASSINE!
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

VENDEM-SE PROPRIEDADES

Uma em Loulé, sítio da Costa, que confronta com a estrada de Quarteira e o cemitério de Loulé.

Outra propriedade no sítio dos Pés do Cerro, freguesia de Moncarapacho, com casas de moradia, ramadas e palheiros com diversos compartimentos.

Consta de arvoredos, alfarrobeiras, oliveiras, amendoeiras e figueiras. Vendem-se com o rendimento à vista.

Tratar com João Baptista Gago — Quinta Argentina — Moncarapacho.

Propriedade VENDE-SE

No sítio da Pedregosa que consta de 12 geiras de boa terra de semear com figueiras, alfarrobeiras, amendoeiras e oliveiras e uma parte em mato facilmente arável e casa para arrecadação.

Vende-se com rendimento à vista.

Tratar com José dos Santos Silvestre — Rua Garcia da Horta, 14, (antiga Rua da Fonte — Loulé).

VENDE-SE

Um lagar de azeite de prensas manuais e respectivos potes de 20, 50 e 100 decalitros e restantes utensílios. Também se vende o valilhame em separado.

— Uma charete em estado novo, com chassis em mogno, ferros cromados e de 6 lugares.

Tratar com Manuel Rodrigues Longuinho — Campina (Boliquireme).

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

SE DESEJA

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de JOSÉ DE SOUSA PEDRO

Rua 5 de Outubro, 29

LOULÉ

Dactilógrafo

Com conhecimentos de contabilidade, oferece-se.

Nesta redacção se informa.

YOGOURT

Medicamento - alimento de extraordinárias propriedades nutritivas e medicinais

Fabricado com o máximo esmero pela COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS PRODUTORES DE LEITE DE TAVIRA

À venda em LOULÉ na Casa de MANUEL GUERREIRO (Faz-tudo) PRAÇA DA REPÚBLICA

Uma infernal hesitação e um grande desalento começaram a encher os conjurados, quando viram a sua cúmplice a fugir com a criança roubada. Avolumou-se neles o pressentimento de que calamidades piores poderiam vir, mas nem uma mão se ergueu contra Cristina, porque o receio das pragas do Demónio era mais forte que o temor de Deus.

Só Cristina não hesitava; a sua face apresentava o brilho radioso do rosto dum vencedor após uma luta difícil, era como se aranha a acariciasse com uma comichão suave, e os clarões dos raios que a cingiam no seu caminho para Kilchstaden pareciam-lhe luzes juvenis, e o trovão era como o arrulhar meigo de pombas ou um assentimento adorável da tempestade ansiosa por aquele desfecho.

Entretanto o marido, o pachorronto João, vinha cumprir o prometido. Seguiu lentamente o seu caminho, a examinar com atenção cada campo e a observar as avezeitas; deteve-se ainda uns momentos a ver as rãs a caçar mosquitos no regato, e só a trovoadas que vinha sobre ele, o fez dar passos mais apressados. Tomou depois a posição de correr, porque sentia dentro de si alguma coisa que o empurrava e que lhe empinava os cabelos na cabeça; era a consciência que lhe dizia o que merecia um pai e um marido que assim atraía a mulher e filho, era o amor, que apesar de tudo tinha a sua consorte e ao fruto do seu corpo. Mas depois um outro pensamento o deteve outra vez, e este era mais forte que o primeiro, era o medo dos homens, o medo do Diabo e o amor áquilo que o mafarrico lhe podia tirar. E foi então outra vez devagar, tão devagarinho como um homem que faz a sua última saminhada pela rua que o conduz à força.

Talvez fôsse também assim muitos homens não sabem que estão a arrastar os últimos passos, se o soubessem não os davam; e daí, talvez sim.

O tempo assim foi rolando, até que, já tarde, chegou a Sumiswald. Nuvens negras empurravam-se por cima de Munneberg; caíam gotas pesadas que se enrolavam no pó, e um sino começou num som abafado o advertir da torre da igreja os homens, que deviam pensar em Deus e pedir-lhe que não deixasse a sua tempestade transformar-se na sentença deles. Em frente de sua casa estava o párcaro, paramentado e preparado já para qualquer caminhada, para não haver demoras, se o seu Senhor que viajava por cima da sua cabeça o chamasse para junto dum moribundo, duma casa em chamas, ou para quem quer que fosse que estivesse em perigo. Quando viu o adormecido João, reconheceu logo que teria de fazer uma difícil caminhada; arregaçou as vistas e mandou recado ao tonante sacristão de que podia deixar a corda do sino para o acompanhar noutro serviço. O padre lembrou a João a conveniência de tomar uma bebida fresca, por-

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 21

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

que quem calcurriou tão rapidamente o caminho com um ar tão abafado, devia necessitar disso, mas o João não tinha sede, nem o padre fazia a mínima ideia das cabalas do recém-chegado. Mas João sempre bebeu e devagar. O sacristão aproximou-se a médio e participou com delicia da refrigerante bebida que João lhe ofereceu.

Em frente deles o padre aparentemente desprezava a bebida que não precisava para tal caminhada e luta. Mandou com relutância recolher a caneca que tinha pedido, embora lhe custasse prejudicar os direitos do convidado; mas ele conhecia um direito mais elevado do que o direito das visitas e, ao ver aquele vagaroso beber, sentiu um frenesi de impaciência.

«Estou pronto», diz ele por fim: «Há uma mulher em perigo que espera por mim e sobre ela paira o espírito do mal, e entre a mulher e a maldade do espírito tenho de estar a tempo com as armas sagradas». Que não se demorassem pois, que viessem, porque lá em cima, no outro lado, também haveria alguma bebida para quem não matou a sede ali. E o homem sem pressas, o apático João, disse que não era assim tão urgente, que sua mulher com qualquer coisa se afilgia e se punha doente. E subitamente um relâmpago descomunal iluminou o quarto todo, com tal viveza de luz, que todos ficaram como cegos; seguiu-se o estalido seco dum trovão que se despeçou sobre a casa, fazendo estremecer todo o travejamento e paredes.

Passado o primeiro pânico, o sacristão disse, depois de acabar a sua oração de bênção: «Ouvi o tempo que faz lá fora; o próprio céu confirmou o que João disse, que devemos esperar!» e de que serviria meterno-nos ao caminho? Em qualquer das hipóteses, não chegariam lá cima com vida, e ele próprio foi o primeiro a dizer que não era preciso grande pressa por causa de sua mulher». Dum ribombar assim não havia memória há muitos anos. A tormenta chegava de

todas as alturas e funduras, de todos os lados, empurrada por todos os ventos para cima de Sumiswald; cada nuvem transformava-se num exército em pé de guerra, uma nuvem precipitava-se contra a outra, um rolo delas queria a vida doutro rolo, e uma batalha cruenta entre as nuvens começou; então o temporal assentou ali definitivamente arrais e desligou relâmpago após relâmpago; falsa após falsa, embatia com a terra como se quisesse abrir uma passagem pelo centro delas, para o outro lado do globo. O trovão continuava a ulular sem descanso, o vento gania encolerizado, o seio das nuvens, rebentado, despejava torrentes, e o padre tremia por causa dos companheiros.

Porém, quando de repente a batalha das nuvens redobrou de violência, o padre, sem responder ao sacristão, levantou-se e, tomado duma ansiedade cada vez maior, sentiu uma força a empurrá-lo, a intrometê-lo nos elementos revoltos; era como se estivesse a ouvir por entre a voz tremenda do trovão, o grito angustioso e dilacerante duma mulher, e o rugir da trovoadas assemelhava-se subitamente a raios de Deus, por tardar assim tanto. Disps-se, pois, a seguir, sem se importar com a opinião dos outros. Preparado para o pior, foi ao encontro daquele tempo de fogo, da fúria do vendaval e da torrente das nuvens; devagar, contrariadamente, seguiu-no os dois homens.

Ouviam-se roncões e rugidos horrorosos, como se tais sons saíssem de trombetas ciclópicas a anunciar o fim do mundo, e feixes de fogo caíam sobre a aldeia, como se se quisesse transformar em fogueiras cada casinhota, mas o servo de Quem dá a voz ao trovão e tem por servo o raio não tem nada a temer deste servente do mesmo Senhor, e quem anda pelos caminhos de Deus pode confiar sem receio também o seu tempo ao de Deus. O padre caminhava, pois, sem temor através da intempérie em direcção a Kilchstaden. Mas com a mesma coragem não o seguiam o acólito e o João, pois os seus corações não estavam do mesmo lado; não queriam descer Kilchstaden com um tempo assim, e o homem que fora chamar o padre tinha ainda uma razão especial para isso. Rogaram ao párcaro para voltar para traz, para ir por outro caminho, João, conhecia os melhores, o sacristão os mais curtos; ambos o avisaram da inundação e do pântano cheio. Mas o padre estava surdo, não atentava a tais falas; levado por um impulso extraordinário, seguia veloz sobre as asas da oração, para Kilchstaden, sem que os pés tropeçassem em pedra alguma ou os olhos se cegassem pelos relâmpagos; trémulos e muito distanciados dele, mas a coberto, como supunham, pelo Santíssimo que o padre conduzia, arrastavam-se João e o companheiro.

(CONTINUA)

Participações de nascimento

Em modernos e originais
modelos, executam-se na
Gráfica Louletana

A VOZ DE LOULÉ

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Agosto:
Em 1, o sr. Joaquim Paulino Santana.

Em 3, a sr.^a D. Ivone Nunes Correia, as meninas Noémia Mestre Pires e o menino Júlio Pereira Nunes, residente em Lisboa.

Em 4, o sr. Braulio Viegas Esteves.

Em 5, o sr. Abílio Jorge Coelho.

Em 6, as sr.^{as} D. Maria das Dores Mendonça Lucio residente em Lisboa, D. Capitolina Gonçalves Calço, residente na Venezuela, e as meninas Maria Helena Vieira Neves, residente em Boliqueime e Maria José Pires Portela.

Em 7, o sr. Manuel Rodrigues Guerreiro e as meninas Eugénia Maria Martins Salgado, Maria Madalena Ramos Melenas, e Engracia Maria Martins Salgado.

Em 8, a sr.^a D. Ana Luisa Galvão Leal e a menina Vanda Maria Martins Farrajota.

Em 9, o sr. José Centeio de Sousa Martins.

Em 12, o sr. José de Sousa Victorino.

Em 13, a menina Maria Filomena Ganhão Candeias Santos.

Em 14, o sr. Ezequiel Madeira do Estanco e o menino José Fernando Caracol Guerreiro.

Em 15, o sr. José João Ascensão Pablos.

PARTIDAS E CHEGADAS

—De visita a sua família e em gozo de merecidas férias, encontra-se em Itália o Rev. Padre Luiz Celato, coadjutor da freguesia de S. Sebastião de Loulé e que entre nós disfrutava já de grande simpatia e popularidade, merecendo das suas belas qualidades de carácter.

—A fim de assistir ao baptismo de sua sobrinha, deslocou-se a Faro, tendo estado em Loulé com demora, a nossa conterrânea sr.^a D. Silvina da Luz Vinhas Ferreira.

—Com curta demora, esteve em Loulé, acompanhado de sua esposa sr.^a D. Maria Almeida Cunha, o sr. Dr. Virgílio da Cunha, advogado em Lisboa.

—Regressou das Termas de Luso, onde foi fazer a sua habitual cura d'água, o nosso prezado colaborador e amigo sr. Joaquim Guerreiro Pereira.

—Vindos de França, onde há anos residem, encontram-se entre nós, de visita à terra natal, a sr.^a D. Isabel Martins Cabrita e seus filhos, sr. Afonso Cabrita Rodrigues e D. Lizete Cabrita Rodrigues.

—Acompanhada de seu pai, sr. Francisco dos Santos, encontra-se em Lagos a passar a época balnear, a nossa assinante em Faro, sr.^a D. Maria da Piedade Santos.

BAPTISADO

—Na Igreja Matriz de Faro, teve lugar no passado dia 31 a cerimónia do baptismo da pequena Maria Clara, filha do nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Francisco Elias Garcia, funcionário do Banco de Portugal em Faro, e de sua esposa sr.^a Dr.^a D. Maria Lizette Vinhas Pinto Lopes Elias Garcia.

Apadrinharam o acto a sr.^a D. Silvina da Luz Vinhas Ferreira e, por procuração, seu marido sr. Abel Ferreira.

Finda a cerimónia, foi servido um fino «lanche» aos convidados.

CASAMENTO

—Na Igreja Matriz desta vila celebrou-se no pretérito dia 7 de Julho o enlace matrimonial do sr. Manuel Maria Andrade Ferreira, conceituado comerciante da nossa praça e nosso prezado amigo e assinante, filho do sr. Francisco José Ferreira e da sr.^a D. Maria da Conceição Andrade, com a sr.^a D. Inácia Valentina Silvestre Paulino, pretendida filha do sr. Joaquim Paulino dos Santos e da sr.^a D. Maria da Piedade Silvestre.

Apadrinharam o acto por parte do noivo, seu pai e a sr.^a D. Rosa de Jesus Inês e por parte da noiva o sr. David Miguel Guerreiro e sua esposa sr.^a D. Maria Isabel Costa Guerreiro.

Após a cerimónia religiosa, os numerosos convidados foram brindados com um finíssimo «copo d'água», realizado em casa dos noivos e durante o qual se formularam votos de felicidades para o novo casal.

Aos noivos e suas famílias, endereçamos os nossos parabéns e fazemos votos de uma perene lua de mel.

FALECIMENTOS

—Com a idade de 66 anos, faleceu nesta vila no pretérito dia 30, o sr. José Domingos Cavaco, comerciante e figura muito popular na terra pela vivacidade de espírito e espontaneidade poética que o caracterizava e ainda por pai dos conhecidos «Calcinhas do Café Louletano».

Deixa viúva a sr.^a D. Maria do Carmo e era pai das sr.^{as} D. Elisa Cavaco, D. Lidia do Carmo Cavaco e D. Maria do Carmo Cavaco e dos srs. Júlio Cavaco, residente na Argentina, José Domingos Cavaco, conceituados comerciantes da nossa praça.

A família enlutada endereçamos sentidas condolências.

Visado pela Com. de Censura

CICLISMO A PESCA

(Continuação da 1.^a página)
numento, ponha-se-lhe uma vela lá no alto e este epitáfio: «Aqui jaz o bairrismo louletano!»

Existencialismo, pedantismo, comodismo, jacobinismo, parvoismo, snobismo e málinguismo, isto sim que é modernismo!

E viva Loulé! (Ele a ralar-se e o «Tide» a descansar).

Mas vamos ao que interessa: a «Volta».

Os «barbosistas» e «ribeiristas» degladiam-se na questão de supremacia dos seus ídolos.

Os primeiros confiam no retorno da forma física de Alves Barbosa para assistirem à repetição dos seus êxitos. O bairradino, rapaz culto e dotado de conhecimentos técnicos do ciclismo (o «cultural da bicicleta»), como lhe chamamos) teve este ano um excesso de trabalho sobre a máquina a que os franceses classificariam de «surmenage» — e com esse descontrolo de energias viu-se impossibilitado de alcançar os lugares compatíveis com a sua inegável classe de velocipedista homogêneo.

A antecipação extemporânea da sua preparação, as viagens constantes ao estrangeiro, o número superior de provas às dos anos anteriores, com o consequente cansaço físico ligado ao desgaste nervoso, este último a arrazar mais o primeiro, porque as pernas não correspondiam ao querer do seu brio e do seu prestígio internacional, tudo isto aliado às façanhas e à excelente notoriedade que o seu rival Ribeiro da Silva, vinha alcançando nas Voltas à Espanha e à França, acabaram por lhe ditar a lei do descanso forçado, para se retemperar das forças perdidas e da perda de rendimento.

Da Silva, o «Zatopek» da bicicleta, de compleição seca, máscara de sofrimento, mais contraído que o seu rival, menos estilista e elegante que Barbosa, que assimilou a escola francesa de montar com perfeição e pedalar em círculo com a leveza dos «souplesistas» gauleses, é contudo extraordinário de brio e vontade e consegue, com a dureza da sua pedalagem, atingir classificações que muitos campeões desejariam conquistar. O seu destemor a descer e o seu inquebrantável poder de trepador, devem-lhe permitir mais façanhas gloriosas para bem dele e do ciclismo nacional.

Conforme noticiamos o I festival de ciclismo em Loulé, foi um êxito. Damos a seguir as classificações das provas efectuadas:

1.^a Eliminatória — 1.^o — Victor Manuel; 2.^o — Alcides Mendonça Neto; 3.^o — José Constantino;

2.^a Eliminatória — 1.^o — Manuel Coelho (Besouro); 2.^o — Virgílio Nunes; 3.^o — João Costa.

«15 Voltas em linha» — 1.^o — Abílio Victor; 2.^o — Henrique da Palma; 3.^o — João Mendes Costa.

Sprints — 1.^o — Sebastião Luz; 2.^o — Henrique da Palma.

«30 Voltas em linha» — 1.^o — Manuel Coelho (Besouro) — Loulé; 2.^o — Hermínio Custódio — Loulé; 3.^o — Victor — Ginásio.

Nota: Coelho venceu os 4 sprints desta corrida.

em QUARTEIRA

Nos 6 meses que decorreram de 1 de Março até Agosto de 1956, a pesca desembarcada nesta Praia foi, em contos, a seguinte, descreminada por espécies de artes:

Traineiras, 937 contos; tresmalhes e outros, 803 contos; sacadas, 508 contos; linha e anzol, 431 contos; armações à valenciana, 406 contos; artes de xávega, 275 contos; cercos e outras embarcações de outros portos, 93 contos — total — 3.453 contos.

Nos 4 meses seguintes, de Setembro a Dezembro do ano findo, essa pesca foi a seguinte: em primeiro lugar os tremalhos e diversos com 465 contos; linha e anzol, 412 contos; as armações de sardinha com 398 contos; as sacadas com 283 contos; as artes de xávega com 244 contos; depois as traineiras e as embarcações dos outros portos com 232 contos, e finalmente os «alcatrúzes» que apanharam 58 contos — total — 2.407 contos.

Enquanto no primeiro período, um companheiro das xávegas poderia ter ganho em média mensal de 130\$00, na último período do ano, esse ganho subiu para cerca de 360\$00 por mês.

Este é o motivo porque estas artes estão a ser cada vez menos, cerca de 6, quando elas tinham, nesta praia, o seu reduto na costa algarvia.

Por outro lado vê-se o incremento que vão tendo as

Não se interrogue

Sempre que necessite de trabalhos tipográficos em qualquer género, deve confiá-los à **Gráfica Louletana — Loulé**

Máquinas modernas
Tipos novos e elegantes
Meticulosa execução

modalidades de pesca à linha, em pequenas embarcações, muito perto da costa.

Seria porém para desejar que fossem aparecendo as unidades motorizadas que possuíssem mais do que uma modalidade de pesca, que os pescadores daqui naturais receiem armar — não obstante os exemplos dos outros pontos da costa aberta cujos barcos motorizados frequentes vezes vêm a Quarteira vender as suas pescarias.

Julho 1957
A. S. P.

Para os seus seguros PREFIRA «MUNDIAL»

O maior organismo
segurador português
Seguros em todos os ramos
Agente em Loulé
José de Sousa Pedro
Rua 5 de Outubro, 29 a 33

Eugénia Soares

Enfermeira-Parteira-Puericultora
Partos — Crianças — Tratamentos e Injeções
Av. José da Costa Mealha, 38
Telefone 257
LOULÉ

Poupe dinheiro e viaje com segurança usando no seu automóvel Pneus M A B O R

A venda no Stand do Agente
José de Sousa Pedro
LOULÉ

José Correia Leal Junior

Participa aos seus Ex.^{as} Clientes e Amigos que acaba de transferir o seu estabelecimento da Avenida José da Costa Mealha, para a **Rua António da Costa Ascensão, n.º 6 — Loulé**, onde continua aguardando as suas estimadas ordens.

Empregada Agradecimento

Para estabelecimento comercial, precisa-se. Nesta redacção se informa

A família de José da Piedade Coelho na impossibilidade de, por carencia de endereços e ilegitimidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pelo estado de saúde do querido extinto e se dignaram acompanhá-lo à sua última morada, vem fazer-lo por este meio, agradecendo igualmente a quantos exteriorizaram os seus sentimentos de pesar pelo infausto acontecimento.

VENDE-SE

Moinho eléctrico de café e um vidro para montra, e respectivos suportes para exposição
Tratar com António Pereira Guerreiro — Av. Marçal Pacheco — Loulé.

Aprendiza

Para trabalhar com máquina de apanhar malhas em meias precisa-se. Nesta redacção se informa.

Câmara Municipal de Loulé EDITAL

«Incorporação de Cadetes e Aspirantes a Bombeiros»

JOSÉ JOÃO ASCENSÃO PABLOS, Vice-Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Loulé, no exercício da presidência;

Faz saber que se encontra aberta a inscrição, durante o mês de Agosto do ano em curso, para a incorporação de 20 cadetes e 20 aspirantes a Bombeiro.

SÃO CONDIÇÕES DE ADMISSÃO PARA CADETES:

- 1 — Possuir, pelo menos, o exame da 3.^a classe do ensino primário;
- 2 — Não ter menos de 16 anos de idade;
- 3 — Residir dentro da área da Vila;
- 4 — Apresentar, em papel comum, declaração devidamente assinada pelos pais, em como autorizam o filho a praticar para bombeiro.

SÃO CONDIÇÕES DE ADMISSÃO PARA ASPIRANTES A BOMBEIRO:

- 1 — Possuir, pelo menos, o exame da 3.^a classe do ensino primário;
- 2 — Não ter mais de 28 anos de idade;
- 3 — Possuir bom comportamento moral e civil;
- 4 — Residir dentro da área da Vila;
- 5 — Ter altura não inferior a 1,60 metro.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Loulé, 31 de Julho de 1957

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,

José João Ascensão Pablos

As regas valorizam as suas terras...



Os motores **VILLIERS** valorizam as suas regas...

Portanto adquira quanto antes um destes esplendidos motores no Agente em Loulé

Manuel Francisco Guerreiro

Largo Gago Coutinho, 11

e verá rapidamente aumentado o seu rendimento

MOBILIAS

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.^a em exposição permanente na

CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapeçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis
Colchões **MOLAFLEX** Mesas e cadeiras para CAMPISMO e PRAIA

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIAS EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceneiro, polidor e estofador

